

In Memory of Eavan Boland

When your last book came over the sea from America
In the month after you'd died it was as if a voice
Had called from afar, or maybe not afar, but from deeper –
Deeper in that diplomatic whirl you understood,
The whirl of carpets and receptions, of men bowing
To each other in a distant country. The gilded formality
Of giving quarter graciously was not now, as it had
Never been, your way of doing business. Rather,
It was a gracious advance, an advance of women,
Of women who knew enough or were lucky in fathers:
Yes, you, patrician and dignified. Its beautiful binding and jacket,
The Norton book, I mean, it spoke of an argument settled,
It spoke of sainthood, of J.D. McClatchy and Tobias Wolff,
Of the start and finish of legends, of Ireland's azurite vowels.

It was magnificent how you could unpick the heavy lock
In the side-gate of history, the one camouflaged by heavy
Laurel leaves where a woman in a trench-coat might wait
For the moment. How does one begin, as Lois wonders
In that novel by Elizabeth Bowen; how does the mind
Remain faithful in unfinished revolutions? To write
In the light of what will be, where hope becomes law,
That was your one long journey. Where a young mother
Was disturbed in her night-feed, moving to the night-lit
Window, pen and child in hand, an aeon opened.
Reading these poems to my daughter as we catch
The early Luas in Rialto, red sunlight on Guinness cottages,
Something youthful of you illuminates our day: the light in
That voice of you from far away, your pen behind a curtain.

Thomas MacCarthy

Written for "Eavan Boland — In Her Many Images", *ABEI Journal* 23.2 (2021).

Em Memória de Eavan Boland

Quando o seu último livro cruzou os oceanos da América
Um mês depois da sua morte, foi como se uma voz
Distante tivesse chamado, talvez não distante, mas das profundezas –
Mais profundas que aquele vórtice diplomático que você compreendia,
O vórtice de carpetes e recepções, de homens se curvando
Em um país distante. A formalidade brilhante
De doar um quarto graciosamente não era de agora, era como se
Nunca tivesse sido seu jeito de negociar. Ao contrário,
Era um passo gracioso, um avanço do universo feminino,
De mulheres que sabiam o suficiente ou que tiveram sorte ao nascer:
Sim, você, nobre e digna. Sua bela encadernação e capa,
O livro Norton, quero dizer, tinha um argumento seguro,
Falava sobre santidade, sobre J.D. McClatchy e Tobias Wolff,
Do início e do fim das lendas, das vogais azuritas da Irlanda.

Era magnífico como você conseguia destravar a aldrava pesada
Do portão lateral da história, aquele escondido pelas pesadas
Folhas de louro onde a mulher com um sobretudo deveria esperar
Pela hora certa. Como alguém começa, como Lois imagina
Naquele romance de Elizabeth Bowen; como as ideias
Permanecem fiéis em revoluções inacabadas? Escrever
À luz do que será, onde a esperança se torna lei,
Era a sua única jornada. Onde uma jovem mãe
Foi interrompida durante a amamentação noturna, se movendo para a janela
Iluminada pela luz da noite, caneta e criança na mão, uma eternidade aberta.
Lendo estes poemas para minha filha, enquanto apanhamos
O primeiro Luas em Rialto, o laranja do sol nos sítios Guinness,
Algo juvenil em você ilumina nosso dia: a luz da
Sua voz distante, sua caneta atrás da cortina.

Portuguese translation by Marina Bertani Gazola and Rafael Teles da Silva